

# Muito Além do *Made In China*: Inquietações sobre o Contexto Migratório Sino-Brasileiro

**Eric Júnior Costa<sup>1</sup>**  
Universidade Aberta  
linguistica13@gmail.com  
**Portugal**

*Far Beyond Made In China:  
Concerns about the Sino-Brazilian  
Migration Contexto.*

*Recibido: 20 de enero de 2023*

*Aceptado: 10 de abril de 2023*

## Resumo

O presente estudo enquadra-se no contexto pós-moderno (Hall, 2003), especificamente sobre o histórico das migrações chinesas para o Brasil. Baseei-me em Chang-Sheng (2018, 2021) e no Refúgio em Números (OBMigra, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020) para coleta dos dados históricos. Além de apresentar o panorama migratório sino-brasileiro, foram incluídos aspectos culturais sobre a comunidade chinesa no Brasil por meio da literatura universal (Rosa, 2009) e de um fato ocorrido no Rio de Janeiro no século XIX, que envolve a morte de migrantes chineses. Busca-se respostas para a seguinte pergunta: qual lugar o Português como Língua de Acolhimento (PLAc) tem para os chineses reconhecidos como refugiados no Brasil? A metodologia partiu dos seguintes passos: (i) da empiria a partir de meu trabalho como professor de português para a comunidade chinesa no Brasil em 2010 e 2011; (ii) por meio dos desdobramentos da dissertação e tese de (Costa, 2019, 2022), cuja Compilação das Produções de PLAc foi reutilizada nesta pesquisa; (iii) do levantamento preliminar e online

1) Doutor em Estudos de Linguagens pelo CEFET-MG. Líder do Grupo de Estudos Migratórios: acolhimento, linguagens e políticas (GEMALP). Mestre em Português Língua Não-Materna pela Universidade Aberta de Portugal, ORCID: 000-0001-8844-5175.

com professores e coordenadores dos cursos de PLAc. Resultados parciais apontam para a ausência de migrantes chineses nos cursos de PLAc e para inexpressiva produção acadêmica interdisciplinar entre os Estudos de Linguagens e os Estudos Migratórios sobre as relações sino-brasileiras

## Palavras-chave

Migrantes chineses; Português como língua de acolhimento; Refúgio.

## Abstract

This study fits into the postmodern context (Hall, 2003), specifically on the history of Chinese migrations to Brazil. My historical data collection was based in Chang-Sheng (2018, 2021) and in the Refuge in Numbers (OBMigra, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020). In addition to presenting the Sino-Brazilian migratory panorama, cultural aspects about the Chinese community in Brazil were included through universal literature (Rosa, 2009) and a fact that occurred in Rio de Janeiro in the 19th century, which involves the death of Chinese migrants. Answers are sought for the following question: what place does Portuguese as a Host Language (PLAc) have for Chinese people recognized as refugees in Brazil? The methodology started from the following steps: (i) from my work as a Portuguese teacher for the Chinese community in Brazil in 2010 and 2011; (ii) through the unfolding of the dissertation and thesis of (Costa, 2019, 2022), whose Compilation of PLAc Productions was reused in this research; (iii) the preliminary and online survey with teachers and coordinators of PLAc courses. Partial results point to the absence of Chinese migrants in PLAc courses and to the inexpressive interdisciplinary academic production between Language Studies and Migratory Studies on Sino-Brazilian relations.

## Key Words

Chinese migrants; Portuguese as a host language; Refuge

## Introdução

A ideia do presente artigo nasceu da combinação de uma experiência profissional específica, com uma inquietação sobre aspec-

tos do refúgio no Brasil e com o desejo de aprofundar no tema que será tratado aqui.

Quanto à experiência profissional, trata-se de um trabalho realizado em São Paulo, em 2010 e 2011, como professor de língua portuguesa a um grupo de migrantes chineses, engenheiros de uma multinacional. Ainda que tenha passado uma década, considero que as motivações para iniciar pesquisas sobre o tema das migrações chinesas nasceram naquele período, quando também pude visitar a China.

A segunda questão diz respeito a outra fase vivida a partir de 2015, quando comecei a trabalhar com o contexto do refúgio em São Paulo, primeiro com grupos de migrantes forçados de diversas partes, principalmente de Bangladesh, Síria e Venezuela, que encontraram em São Paulo um lugar para recomeçar a vida. Desde então, venho desenvolvendo minhas pesquisas no âmbito do Português como Língua de Acolhimento (PLAc) e, por isso, minha pesquisa de mestrado foi desenvolvida sob a temática dos refugiados sírios em São Paulo (Costa, 2019) e do doutorado sobre as primeiras apátridas reconhecidas no Brasil (Costa, 2022), ambas com o PLAc como um dos referenciais teórico-metodológicos mais relevantes. Foi durante esse período que surgiu a grande inquietação para a qual tento encontrar contribuições, porém tenho muito mais perguntas do que respostas.

Desse modo, a fim de aprofundar nos temas das pesquisas prévias realizadas por mim sobre a relação Brasil e China e, em especial, no contexto dos estudos de linguagens, decidi encarar o desafio de compartilhar este texto com minhas ideias, dúvidas e questionamentos com a finalidade de demonstrar como esses fatores representam uma lacuna para pesquisas. Portanto, não pretendo que este breve artigo seja o fim da investigação. Ao contrário, não tenho a intenção de esgotar as possibilidades, pois trago resultados parciais, mas a pesquisa dá abertura a reflexões que podem acarretar desdobramentos para estudos futuros.

As justificativas principais para a realização desta pesquisa são o histórico da migração chinesa no Brasil, bem como as relações internacionais tratadas entre os dois países - Brasil e China -, sem deixar de considerar o lugar de destaque que os estudos chineses ocupam hoje em um contexto global, como caracterizado por Hall (2003) e Bauman (2017) sobre o contexto de globalização

e mudanças geopolíticas nas últimas duas décadas. A relevância está em seu ineditismo em abordar e discutir algumas questões relativas aos migrantes chineses como alunos dos cursos de PLAc.

A metodologia aplicada foi composta de etapas realizadas ao longo dos últimos dois anos. A primeira etapa trata da varredura realizada em bases científica para a coleta, descrição e análises de alguns dados históricos e curiosidades culturais da comunidade chinesa no Brasil, cuja função é alicerçar o argumento da relevância de se estudar a cultura chinesa no país para desmitificar determinadas noções, imaginários e representações sociais pré-construídas na relação sino-brasileira. A segunda foi a análise das estatísticas sobre o refúgio chinês no país, bem como a participação desses migrantes nos cursos de PLAc.

A partir do descrito acima, objetivo com este artigo problematizar sobre o lugar que a migração chinesa ocupa dentro dos cursos de PLAc no Brasil.

## 1. Por que estudar sobre a China?

Se as novas configurações do mundo trazidas pela China, principalmente pós crise de 2008, conforme aponta Jabbour e Gabriele (2021) operam em nível global, no Brasil não é diferente. Torna-se imperativo facilitar a compreensão conhecimentos sobre o gigante asiático à sociedade civil, acadêmicos ou não do tema das migrações, assim como elucidar as questões das migrações chinesas ao Brasil, sua história e cultura, para além das formas do senso comum, visando contribuir para a familiarização dessas questões por parte da população em geral. De que maneira um alinhamento ou aproximação à história e conhecimentos das relações Brasil-China podem auxiliar nesse processo de compreensão de uma nova realidade geoestratégica social-econômica-discursiva? As respostas são complexas e exigem estudos e práticas. Portanto, a ideia é não cair no reducionismo sobre como o Ocidente representa o Oriente, mas saber que para esta pesquisa há limitações, pois é impossível explicar um lugar milenar em pouco tempo e espaço.

Os dados relativos às migrações chinesas e os elementos culturais abordados neste estudo foram obtidos por pesquisa *online* em repositórios brasileiros, mas também por meio de respostas

a um e-mail que enviei a especialistas das migrações no Brasil, que, gentilmente, me indicaram alguns dos materiais que utilizei aqui. Embora alguns tenham contribuído com comentários e indicações, houve respostas que provocaram mais dúvidas, como a escassez de pesquisas sobre as relações sino-brasileiras e a falta de dados e informações pormenorizadas sobre os migrantes chineses no Brasil.

2) Desde 2020 até o momento consegui reunir aproximadamente 100 aspectos. Todos serão disponibilizados em pesquisa a ser publicada futuramente.

Assim, ao realizar um recorte, optei por abordar apenas duas das centenas de aspectos socioculturais e econômicos que tenho elencado ultimamente<sup>2</sup> sobre as influências da cultura chinesa no Brasil, advinda dos fluxos migratórios do Império do Meio. Os elementos selecionados vão além da noção de *Made in China*, do *xing-ling*, de estereótipos clássicos, como aqueles destacados na pesquisa de Campos (2015) sobre o tratamento dado aos migrantes nas mídias brasileiras e, também na investigação de Ferreira et al. (2017). O primeiro elemento é a discussão que envolve o conto “Orientação” de João Guimarães Rosa (Rosa, 2009) e o segundo se relaciona à vinda de migrantes chineses para trabalhar no Brasil, em especial na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XIX.

Orientação é um conto que consta no livro Tutaméia: terceiras histórias de João Guimarães Rosa, lançado em 1967. O objetivo principal do livro era trazer em seus 44 textos, ideias e informações condensadas, sintéticas e densas sobre um aspecto em particular. E é o que acontece com o conto Orientação, pois exige do leitor uma série de inferências e conhecimentos prévios para poder entrelaçar as noções que o autor traz sobre a cultura chinesa.

Esse livro faz parte da terceira fase do movimento modernista brasileiro, cujas características são a liberdade de pensamento e experimentação com a linguagem, o não convencionalismo, a metalinguagem, e o diálogo entre algo particular e o universal e/ou global. Possui neologismos, jogo de palavras, humor e metáforas. De fato, o caráter Rosiano de estabelecer relações com o mundo é muito forte, como pela presença de elementos universais como o amor, a inveja, a injustiça, o dinheiro, a família, a alegria. Assim, o sertão é o mundo e o mundo é o sertão.

O seu título já indica elementos relativos ao Oriente e, também, dá ideia de rumo ou caminho, talvez um prognóstico do lugar que o oriente ocuparia hoje, mais de 50 anos depois, prin-

principalmente com a potência que é a China. As características da China abordadas pelo autor são diversas.

O cenário é o interior de Minas Gerais e envolve um chinês, descrito pelo narrador como elemento que causa surpresa por ser um “joão-vagante” no sertão, isto é, um migrante, nesse caso de origem chinesa. Era ambulante e pobre (“pé-rapar”), não era um ser importante ou de destaque (“fulano da China”). Aqui cabe mencionar o distanciamento entre os nacionais e estrangeiros, com elementos pejorativos que até hoje são utilizados em expressões que se referem à China (Exemplos: nem aqui nem na China / vírus chinês - em referência ao Covid-19). O personagem se chama Yao Tsing-Lao, mas em Minas Gerais deram-lhe o apelido de Joaquim e depois, em forma reduzida, São Quim.

O narrador também destaca elementos da sabedoria chinesa, inclusive tratando-o como um sábio ou que tem outro modo de ver o mundo e o respeita por isso (“chinês tem outro modo de ter a cara”). Interpreto que o sobrenome Lao deve-se ao fato de constar nas palavras chefe (老板 Lǎobǎn) ou professor (老师 Lǎoshī) entre outras palavras em chinês mandarim. Também em “tudo cabe no globo”, o autor enfatiza a dimensão do mundo e a possibilidade de pensamentos e visões de mundo muito diversos.

O narrador também destaca elementos da gastronomia chinesa (arroz) e a porcelana, o ópio, o papel, a peça de seda, o dragão, a bússola, o bambu, ao Exército de Terracota, além de um breve comentário sobre a pronúncia da letra R que o migrante chinês não conseguia dizê-la, trocando-a pela letra L.

Além do aspecto cultural abordado na literatura, outro dos vários elementos que incidem sobre a cultura chinesa no Brasil tem a ver com a cidade de Queimados, no Estado do Rio de Janeiro. Trata-se da infelicidade de um grupo de migrantes chineses que morreram de malária e outras doenças tropicais e depois tiveram seus cadáveres queimados, conforme aspectos da cultura chinesa. Vivia-se naquele momento um rápido desenvolvimento da segunda onda de chineses no Brasil, de acordo com Cheng-Shang (2021), eram migrantes que vieram contratados para o trabalho em construções de rodovias e ferrovias interestaduais (cf. seção 2).

De acordo com as informações sobre a cidade de Queimados na página da Prefeitura: Com a expansão da economia cafeeira,

em meados do século XVIII, foi construída a Estrada de Ferro D. Pedro II, trazendo mais prosperidade à região. O projeto inicial desta ferrovia previa a extensão dos trilhos até a Freguesia de Nossa Senhora de Belém e Menino Deus, atual Jacutinga, que chegou a construir um prédio para sediar a estação. Porém, milhares de operários chineses, construtores da estrada, foram vítimas de Malária e por epidemias de cólera, que arrasou toda a Colônia, em 1855. Como a morte dos operários chineses iria retardar o prosseguimento das obras da via férrea, rapidamente foi construída a Estação de Queimados [...]. Segundo a história, a origem do nome do município deve-se a este acontecimento, uma vez que os chineses tinham por costume queimar os seus mortos. Este costume criou entre os populares, que tinham que passar pelo local onde os corpos haviam sido queimados, a seguinte forma de indicar o caminho: “vou pela estrada dos queimados”, o que acabou por nomear o local. (Prefeitura de Queimados, s/d).

Assim, a lembrança e homenagem da cidade de Queimados aos migrantes chineses retrata um período em que a mobilidade chinesa para a América Latina começava a crescer e se relacionava diretamente com uma fase da construção de estradas e ferrovias no Brasil e, portanto, mais conexão entre as comunidades brasileiras da época, incluindo os migrantes chineses.

Nesta seção, procurei demonstrar brevemente alguns dos elementos da realidade brasileira que tem relação direta com as migrações chinesas no país. Na próxima seção abordarei o histórico das migrações chinesas para o Brasil.

## **2. As migrações chinesas ao Brasil: um breve panorama**

Para esta seção me baseei nas pesquisas de Cheng-Shang (2018, 2021). De acordo com o autor (2018), há muita dificuldade de se encontrar dados históricos sobre a diáspora chinesa no Brasil. Conforme o autor: No geral, seja no continente ou em Taiwan, o estudo do chinês no exterior no Brasil não é sistemático. [...] Os jornais abrangem aspectos econômicos, políticos, culturais, sociais, de notícias e outros aspectos, mas a pesquisa é relativamente dispersa, a maioria das quais é informativa. Há uma falta



de análise ou pesquisa especializada, aprofundada, sistemática, e ainda há muitas lacunas acadêmicas. A maioria dos escritos que eu posso encontrar é notícias sobre chineses no exterior que vivem no Brasil e visitas entre os líderes da China e Paquistão, relações econômicas e comerciais entre os dois países, e assim por diante. Muitos dos relatórios são ensaios, viagens, conversas sentimentais diversas, ou narrativas diretas, ou misturadas com opiniões pessoais [...]. Um trabalho descritivo. (Cheng-Shang, 2018, p. 34)<sup>3</sup>.

### 3) Tradução minha do trecho:

“总体来看,无论是大陆还是台湾,有关巴西华侨华人研究基本上还缺乏系统性。虽然目前发表的论文涉及经济、政治、文化、社团、新闻传媒等多方面内容,但研究较为零散,大多数是资料性的介绍,缺乏专门、深入、系统的分析或研究,还存在很多学术空白。笔者能查到的大部分著述是关于旅居巴西的华侨的新闻报道、中巴两国领导人互访、两国经贸关系,等等。很多报道为随笔、游记、感想杂谈,或平铺直叙,或夹杂个人的看法和意见,均为撰稿人对华侨问题的兴趣所致,是一种描述性的作品”。Cheng-Shang (2018, p. 34).

Os pilares da pesquisa realizada pelo autor são as organizações diaspóricas chinesas, as escolas chinesas e a mídia chinesa no Brasil. Cheng-Shang (2021) destaca, em um primeiro momento, que a migração chinesa para o Brasil teve início em 1809, quando Miguel José de Arriaga, político e ouvidor geral de Macau, enviou presentes a Dom João VI como dinheiro, plantas, árvores, especiarias que tinham grande valor. Enviaram, então, o navio *Ulisses* para transportar os produtos e, também, os primeiros migrantes chineses. Era o nascimento do “Projeto do Chá”.

Entre 1812 e 1815, 200 a 400 chineses chegaram ao Brasil para trabalhar no Jardim Botânico do Rio de Janeiro e na Fazenda Real, na plantação de chá. Além disso, 140 migrantes tinham a função de trabalhar no arsenal da marinha. Entre 1810 e 1850 aconteceu a primeira onda de migração, oriunda especialmente da região de Cantão e que veio para trabalhar na lavoura de chá e era composta de carpinteiros e pedreiros também. Contudo, a produção do chá não foi tão próspera porque a produção era cara. A indústria inglesa do chá monopolizava o chá em nível europeu e só havia mercado interno e pequeno no Brasil. Além disso, o chá encontrava travas com o café brasileiro entre 1830 e 1840.

Já em 1843, com o fim da escravidão por parte dos ingleses, houve substituição dos tipos de escravizado (do africano por outros migrantes como os chineses). Em 1850, o governo brasileiro incluiu os chineses como um tipo de substituição de trabalho braçal. A Companhia de Imigração Chinesa passa a atrair chineses para substituir os escravos africanos. Segundo o autor Cheng-Shang (2021), em 1855, Manuel de Almeida Cardoso da Companhia Chinesa de Imigração enviou 303 chineses para o Rio de Janeiro, subsidiado pelo governo brasileiro. Não funcionou, pois os chineses não se adaptaram à comida, ao tratamento como escravos, houve fugas e doenças.



Entre 1856 e 1890 houve a segunda onda, composta por 368 pessoas. Eram ambulantes e, também, trabalhavam na agricultura, no artesanato, alguns eram carpinteiros e outros trabalhavam nas obras públicas. Houve um novo modelo de contratação como por exemplo para construção de estradas como a Rio de Janeiro-Vitória e a ferrovia Dom Pedro II. Porém, os documentos sobre a migração chinesa daquela época não foram bem documentados. Estima-se que tenham morrido cinco mil chineses de doenças. E é nesse período que ocorreu o incidente em Queimados, tratado na seção 1.

A terceira onda, de 2.000 migrantes de forma voluntária, aconteceu entre 1900 e 1930 e houve um incentivo às migrações pelo lado brasileiro, mas também devido ao cenário turbulento na China. Em 1945, chegaram 800 chineses, mas o número foi diminuindo até a chegada de refugiados comunistas provenientes de Hong Kong em 1949. Em 1955, a população chinesa no Brasil era de 43.000 pessoas. Uma dessas pessoas poderia ter sido Yao Tsing-Lao, migrante chinês tratado no texto Orientação de Guimarães Rosa e discutido na seção 1.

Entre 1960 e 1970 chegaram outros migrantes chineses que viviam na Indonésia e outros em Moçambique que pediram refúgio ao Brasil devido à Revolução de 1975. Chegaram grupos de famílias a Curitiba.

A quarta onda se deu em 1978 com a abertura da China. De 1998 a 2014 aconteceu o pico da migração chinesa para o Brasil. E em 2020 houve queda do número devido à pandemia de Covid-19.

Segundo Cheng-Shang (2021), atualmente há 250.000 chineses e descendentes no Brasil (são estimativas). São Paulo concentra a maior parte, com 65% dessa população. O Rio de Janeiro é o segundo com 12%, Curitiba 5% e em Minas Gerais, 5%. O maior grupo linguístico é o da região de Cantão e fala cantonês, são aproximadamente 100.000 migrantes que trabalham, em sua maioria, nas pastelarias espalhadas pelo Brasil. Da província de Zhejiang constam 80 mil pessoas, a maioria trabalha com importação e exportação no Brás, na Feira da Madrugada e na Rua 25 de Março. De Fujian vieram aproximadamente 10.000 migrantes e é a terceira maior comunidade e, também, trabalha no comércio, em *box* de galerias de shoppings populares. A migração

de Taiwan se deu a partir de 1960 e até 1980 cresceu, mas como a economia de Taiwan melhorou desde os anos 90, o número de migrantes deixou de crescer no Brasil.

A partir de 1950, padres católicos chineses chegaram ao Brasil, em especial a São Paulo. Formaram cursos de línguas e culturas chinesas com o fim de manter a cultura, divulgá-la entre os descendentes chineses, promover intercâmbios entre chineses e brasileiros. Naquele momento os problemas eram a falta de financiamento e a falta de professores. De fato, até hoje só existe uma graduação em Letras Chinesas em todo o Brasil para formar professores dessa língua.

A partir dos anos 2000 surgem o mercado do idioma mandarim e as escolas chinesas, algumas com financiamento de empresas chinesas e contribuição do governo com professores, intercâmbio, compatibilidade dos currículos etc. Em 2021, foi inaugurada a Escola Chinesa Internacional no Rio de Janeiro.

As migrações chinesas para o Brasil aumentaram por diversos motivos na última década, seja por crescimento no intercâmbio comercial entre o Brasil e a China, como o caso dos BRICS, atraindo empresários e políticos, acadêmicos e outros profissionais para o Brasil e brasileiros para a China. Contudo, há migrantes forçados de origem chinesa reconhecidos no Brasil e que também são parte da comunidade chinesa no país. Dados relativos a essa situação serão descritos na próxima seção.

### **3. Números do refúgio chinês no Brasil**

Após descrever brevemente a linha do tempo das migrações chinesas ao Brasil, realizei um alinhamento com a última parte discutida, ou seja, o refúgio para apresentar alguns dados relativos à migração chinesa no Brasil. Para isso, recorri às informações e estatísticas das edições do Refúgio em Números do Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra).

Na segunda edição do Refúgio em Números, que apresentou dados até 2016, a nacionalidade chinesa foi a oitava que mais solicitou refúgio com 322 pedidos de apreciação de casos, corres-

pondendo a 3% do total. Os países que mais solicitaram foram: Venezuela (3.375), Cuba (1.370), Angola (1.353), Haiti (646), Síria (391), República Democrática do Congo (382), Nigéria (326) e China (322).

Já na terceira edição, com dados de 2017, as nacionalidades que mais solicitaram refúgio foram: Venezuela (17.865), Cuba (2.373), Haiti (2.362), Angola (2.036) e China (1.462). Desta vez, a China ocupou o quinto lugar no total dos pedidos, 4% do total (1 % a mais que no ano anterior), ficando inclusive à frente da Síria (sexto lugar) (823), que naquela altura era a nacionalidade que tinha mais refugiados reconhecidos, 39% do total. Até 2017, a nacionalidade chinesa não aparece entre as que mais têm refugiados reconhecidos. A Síria foi a primeira naquele ano.

Vale a pena destacar que, pelo princípio do *non-refoulement*, qualquer pessoa pode solicitar refúgio. Entretanto, cada caso será apreciado e haverá a decisão, no caso do Brasil, conforme as leis 9.474 de 1997, a Lei de Migração em vigor, a 13.445 de 2017, bem como outros dispositivos que o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) julgar necessário.

Na quarta edição do Refúgio em Números, com dados até 2018, a Síria permanecia com o maior número de refugiados reconhecidos (51% do total). Naquele ano, o maior número de solicitantes era dos seguintes países: Venezuela (61.681), Haiti (7.030), Cuba (2.749) e China (1.450). A China sobe para a quarta posição com mais pedidos solicitados, comparando com o ano anterior, o número de solicitações é parecido (1.462 e 1.450), porém corresponde, em 2018, a 2% do total, portanto, menor número no geral total. O CONARE determinou que 3.949 processos fossem extintos e 123 deles eram de migrantes de nacionalidade chinesa. Também foram arquivados 2.165 casos, sendo 191 de chineses. Até 2018, a China correspondia a 2% da solicitação total de refúgio no Brasil. Nesse ano, a China não aparecia entre as nacionalidades com mais pedidos de refúgio reconhecido.

No que diz respeito à quinta edição da publicação, com dados de 2019, as nacionalidades que mais solicitaram refúgio foram: Venezuela (53.713), Haiti (16.610), Cuba (3.999) e China (1.486). Isso significa proximidade com o número de pedidos dos anos anteriores por parte da comunidade chinesa, 1,8%. Do total, 929 são homens e 557 mulheres. O CONARE apreciou 130

pedidos, sendo 59 arquivados. Em 2018, 230 chineses emitiram carteira de trabalho e previdência social. De 2011 a 2019 constam nove reconhecidos como refugiados, dois por questões religiosas, dois por seu grupo social e os outros não foram especificados.

No Refúgio em Números 6, com dados de 2020, apresentou os seguintes dados sobre as nacionalidades que mais solicitaram refúgio: Venezuela (17.385), Haiti (6.613), Cuba (1.347) e China (568). Devido à pandemia o número de solicitações caiu, mas ainda assim, a China ocupa o quarto lugar. Continuou sendo 2% do total, também mantendo o número de 64,6% homens e 35,4 % mulheres. A maioria tem entre 15 e 39 anos (432 pessoas). Das 568 solicitações, apenas 57 foram apreciadas, não constando número de deferidos, indeferidos e extintos dessa nacionalidade ou que se enquadram em “outros”. Destes pedidos, 22 foram arquivados.

Em linhas gerais, de 2011 a 2020, a China se manteve na 4ª posição com 5.437 pedidos, sendo 2% do total, com aumento do número em 2017, 2018 e 2019.

Segundo a pesquisa realizada no dia 10 de abril de 2022, na Plataforma Interativa de Decisões sobre a determinação da condição de refugiado no Brasil, de janeiro de 2016 até dezembro de 2021, 394 decisões foram tomadas para migrantes chineses. Destas, 370 foram em São Paulo. Os principais motivos foram incluídos nos eixos: grupo social (11 casos) e religião (7 casos). Em sua maioria é formada por homens (289) e mulheres (105). No que diz respeito à faixa etária, a maioria (275) está entre 30 e 59 anos, e na sequência estão 113 pessoas entre 18 e 29 anos. O total de reconhecidos é de 23 (5,8%), indeferidos (28 casos, 7,1%), perda (1 caso, 0,3%), outros casos encerrados (342 casos, 86,8%). Como se pode notar o número de casos encerrados é bastante expressivo, e também há uma lentidão para se apreciar as solicitações.

Após apresentar os dados relativos ao refúgio chinês no Brasil, destacarei na próxima seção o Português como Língua de Acolhimento (PLAc), uma alternativa socioeducativa para a integração principalmente de migrantes forçados.

## 4. O Português como Língua de Acolhimento (PLAc)

O Português como Língua de Acolhimento (PLAc) é fruto da ampliação que a língua portuguesa passou a ocupar no cenário transnacional (Zoppi-Fontana, 2009), principalmente a partir dos acontecimentos históricos como o 11 de Setembro de 2001, as guerras e invasões ao longo das últimas duas décadas. Os novos contornos que os fluxos migratórios foram ganhando e as necessidades de comunicação e intercâmbio linguístico-cultural impuseram à língua portuguesa outras demandas. Assim, nasce um novo contexto sócio-educativo em atenção à necessidade de aprendizagem da língua majoritária do nosso país por parte de migrantes em vulnerabilidade.

O PLAc tem caráter pluricêntrico e é um exemplo da etapa da internacionalização e posicionamento geopolítico da língua portuguesa, isto é “o período instaurado a partir das novas relações de poder e das novas inserções internacionais dos países de língua portuguesa na economia mundial” (Oliveira, 2013, p. 53).

Dessa forma, as instituições de pesquisa começaram a investigar um fenômeno social que precisava ser agenciado, com características das migrações Sul-Sul e foco no multilinguismo.

Hoje o PLAc é visto como uma circunstância sociológica e que tem algumas características como: (i) ser um lugar de ressignificações sobre o ensino da língua na perspectiva do acolhimento, baseada na consciência intercultural de todos os envolvidos que abarca questões que vão além de habilidades linguísticas e discursivas. (ii) as especificidades alcançam questões discriminatórias, psicossociais, emancipação e ocupação de outros lugares de enunciação; (iii) trata-se de uma perspectiva inovadora que assiste demandas não atendidas pelo Estado; (iv) “[...] ensinante e aprendente cooperam e aprendem juntos (...) e integram-se pelo bem-estar e pela confiança” (Grosso, 2010, p. 71); (v) o PLAc tem sido a forma/meio mais acessível que os migrantes têm disponível para gerir suas relações com a sociedade da qual agora fazem parte; (vi) o PLAc é contra a ideia de encarar o cenário migratório e os migrantes como problemas ou da “forma patológica de inclusão” (Silva; Costa, 2020, p. 136) (Bauman, 2017), afinal

o problema não é a migração em si, mas sim as condições de desigualdade sob as quais muitas das migrações Sul-Norte se realizam (Castles, 2010).

Após comentar brevemente algumas especificidades do PLAc, abordarei alguns resultados encontrados em pesquisas prévias realizadas por mim, sobre o tema (Costa, 2019, 2022), também por análise de dados em materiais de eventos e produções do PLAc, além de uma pergunta feita a profissionais - professores e coordenadores - de cursos de PLAc pelo Brasil.

Em minha tese de doutorado defendida recentemente (Costa, 2022) apresentei como produto a Compilação das Produções de PLAc. Trata-se de uma organização em tabelas com centenas de pesquisas em PLAc elencadas por grupos: teses, dissertações, artigos, materiais didáticos. Após ler as teses, as dissertações e parte significativa dos artigos, observei que parece não haver pesquisas desenvolvidas sobre os migrantes chineses no âmbito do PLAc.

Além disso, resgatei elementos da minha empiria com migrantes chineses em São Paulo em 2010 e 2011 e tentei explorar o campo do ensino e aprendizagem de português por parte de migrantes chineses no Brasil, com foco nos migrantes em condição de refúgio. No caderno de resumo do evento anual da Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira (SIPLÉ) em 2020, não encontrei referências a migrantes chineses. Em contato com profissionais brasileiros (professores de português para falantes de outras línguas) que trabalham ou trabalharam com a comunidade chinesa em São Paulo, principalmente a comunidade que vive na região central, eles disseram desconhecer abordagens ou métodos específicos para se trabalhar com chineses em condição de refúgio. De fato, afirmam que em geral os seus alunos de origem chinesa não podem ser considerados em condição de vulnerabilidade, pois tem uma rede forte, em muitas ocasiões com um emprego em loja garantido, aumentando sua participação por meio da abertura de igrejas evangélicas.

Refleti sobre a minha experiência com a comunidade chinesa. Em um primeiro momento (2010-2011), trabalhei com engenheiros e na minha segunda experiência, já no trabalho realizado no âmbito do PLAc, em 2016 e 2017, tive uma aluna chinesa, que foi a única dessa nacionalidade entre os 50 alunos, em sua maioria homens de Bangladesh e do Oriente Médio. Já em minha

experiência no projeto de PLAc em Belo Horizonte, tivemos dois chineses que frequentaram o curso. Não estavam em condição de refúgio, mas o projeto acolhia migrantes independente de seu estatuto migratório.

Ainda sobre pesquisas em repositórios, encontrei a dissertação de Campelo (2021), que aborda o PLAc na perspectiva de um curso de extensão na Universidade Federal do Piauí e que contém menções à comunidade chinesa na cidade. A autora destaca a sua motivação em realizar a pesquisa após observar a comunidade chinesa na capital do estado, Teresina e refletir sobre como se comunicavam em português com a clientela e como propiciar cursos de português para a comunidade chinesa para que possam melhorar as relações socioeconômicas entre os envolvidos.

Em pesquisa realizada por mim com professores e coordenadores de cursos de PLAc no Brasil, constatei que os chineses não estão presentes nos cursos de PLAc pelo Brasil. Entrei em contato por mensagem de voz com nove professores e coordenadores de cursos de PLAc de Goiás, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul e Roraima e perguntei-lhes se haviam tido alunos chineses em seus cursos e como foi essa experiência. Todos responderam que nunca tiveram alunos de origem chinesa em seus cursos.

Diante desses fatos e ao cruzá-los com a incidência de solicitação de refúgio por parte da comunidade chinesa analisado na seção anterior, surge a inquietação da razão de esses migrantes não frequentarem os cursos de PLAc, uma vez que há espaço de acolhimento e sem dúvida haveria uma contribuição por parte desta comunidade aos projetos existentes. Assim, sugerem-se mais pesquisas para observar o perfil dos migrantes chineses em condição de refúgio no Brasil, conforme brevemente descrito na seção 3, e, também sobre possíveis motivos da não procura por cursos de PLAc por parte dessa comunidade. Essas pesquisas podem agregar conhecimento para elaborar um referencial teórico-metodológico pensado para essa comunidade e contribuir para uma aproximação entre brasileiros e chineses.

## Para (não) concluir

A partir de um olhar empírico e com base na prática profissional com a comunidade chinesa no Brasil, relacionado com as teorias do PLAc no âmbito das migrações forçadas, procurei evidenciar



as relações sino-brasileiras desde o ponto de vista cultural, e também dos percursos migratórios de chineses no Brasil.

Foi possível observar que as relações entre a China e o Brasil não são recentes. Ao contrário, são seculares e, nessa linha do tempo, houve diversas ondas de migração da China para o Brasil, algumas com projetos migratórios estabelecidos com antecedência à viagem. Porém, para outros grupos, a motivação para migrar foi a perseguição, o preconceito, o racismo, como pôde ser evidenciado nas seções 2 e 3. A pesquisa de Araújo (2015) também aborda, entre outros fatores, a perseguição política como principal motivo para que migrantes chineses viessem a solicitar refúgio no Brasil.

Além disso, é notório o número de solicitações de refúgio no Brasil por parte da comunidade chinesa. Contudo, há escassa informação sobre as características desses migrantes, bem como a sua presença em cursos de PLAc.

Esta pesquisa contribui para a abertura e outras possibilidades de investigação nas Ciências Sociais e Humanas, e, no caso específico em questão, das relações sino-brasileiras que envolvem os Estudos de Linguagens e os Estudos Migratórios.

Para finalizar, faz-se imperativo observar o fenômeno migratório de forma complexa, respeitando as subjetividades de cada migrante e de suas culturas. No caso do Brasil, urge uma maior produção acadêmica que tente interpretar, com teoria e prática, aspectos das relações entre os dois países para dinamizar o conhecimento sobre a China no país, além de promover intercâmbio entre todos de forma a favorecer instâncias de compreensão e integração.

## Referências

- Araújo, M. (2015). Chineses no Rio de Janeiro: o século XX e a migração em massa. *Revista Encontros*. ano 13(25). <https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/encontros/article/view/660>.
- Bauman, Z. (2017). *Estranhos à nossa porta*. Rio de Janeiro: Editora Zahar.
- Brasil. (2018) Lei de Imigração. Nº 13.445/2017. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/L13445.htm).
- Brasil. (1997) Lei do Refúgio. Nº 9.474. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9474.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9474.htm).

- Campelo, M. L. B. (2021). *Português língua de acolhimento: impactos de um curso de extensão para a comunidade externa na Universidade Federal do Piauí*. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada Universidade de Brasília). <https://repositorio.unb.br/handle/10482/41485>.
- Campos, G. B. (2015). *Dois séculos de imigração no Brasil. A construção da imagem e papel social dos estrangeiros pela imprensa entre 1808 e 2015*. 2015. Tese (Doutorado em Comunicação, Escola de Comunicação, da Universidade Federal de Rio de Janeiro) Rio de Janeiro, 2015. [http://midiacidade.org/img/tese\\_final\\_GBC\\_final.pdf](http://midiacidade.org/img/tese_final_GBC_final.pdf).
- Castles, S. (2010). Entendendo a migração global. Uma perspectiva desde a transformação social. *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*. ano 18(35), 11-43. Brasília: Centro Scalabrano de Estudos Migratórios. <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/227#:~:text=Um%20marco%20conceitual%20do%20estudo,contexto%20de%20acelerada%20transforma%C3%A7%C3%A3o%20global>.
- Charleaux, Lupa. (2020). O que realmente significa ‘Xing Ling’? In: *Tecmundo*. <https://www.tecmundo.com.br/mercado/154349-realmente-significa-xing-ling.htm>.
- Cheng-Shang, S. (2018). Studies on Chinese Migrants in Brazil: Literatura Review and Population Statistics. *Journal of Overseas Chinese History Studies*. (1), 30-40, mar., Nanyang: Chinese Heritage Centre, 2018. [https://www.academia.edu/38591466/Studies\\_on\\_Chinese\\_Migrants\\_in\\_Brazil\\_Literature\\_Review\\_and\\_Population\\_Statistics](https://www.academia.edu/38591466/Studies_on_Chinese_Migrants_in_Brazil_Literature_Review_and_Population_Statistics).
- \_\_\_\_\_ (2021). Imigração chinesa no Brasil. *Revista Momento China*. Universidade de São Paulo. <https://www.youtube.com/watch?v=xVqydgQ9LsA&list=PLuuDO2WudV5ICLU2mhuCAmAeElO3EZqN>.
- Costa, E. J. (2019). *Português Língua de Acolhimento no caso de refugiados sírios em São Paulo: análise de narrativas orais autênticas*. 2019. Dissertação (Mestrado em Português como Língua Não-Materna) – Departamento de Humanidades, Universidade Aberta de Portugal. Lisboa.
- \_\_\_\_\_ (2022). Percursos migratórios de apátridas no Brasil: o papel do desenvolvimento na obtenção da nacionalidade.

de brasileira. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagens) - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

Ferreira, L. C.; Flister, C.; Morosini, C. (2017). The representation of refuge and migration in the online media in Brazil and abroad: a Cognitive Linguistics analysis. *Signo*, Santa Cruz do Sul, 42(75), 59-66, 2017. <http://dx.doi.org/10.17058/signo.v42i75.11217>.

Foucault, M. (2013). *Ditos e Escritos II - Arqueologia Das Ciências e História Dos Sistemas de Pensamento*. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta; tradução Elisa Monteiro. 3 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Grosso, M. (2010). Língua de acolhimento, língua de integração. *Horizontes de Linguística Aplicada*, 9(2), 61-77.

Hall, S. (2003). *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora.

Jabbour, E., Gabriele, A. (2021). *China: O socialismo do século XXI*. São Paulo: Editora Boitempo.

Observatório das Migrações Internacionais. *Refúgio em Números*. <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros-e-publicacoes>.

Oliveira, G. M. (2013). Um atlântico ampliado: o português nas políticas linguísticas do século XXI. In LOPES, Luiz P. M. (Org.), *O Português no século XXI* (pp. 53-73). São Paulo: Parábola.

Prefeitura do Município de Queimados. *A cidade: origem do nome de Queimados*. <https://www.queimados.rj.gov.br/municipio>. (s/d).

Rosa, J. G. (1967). Orientação. In *Tutaméia (terceiras estórias)* (pp. 160-163). Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 2009.

Silva, Flávia, C; Costa, E. J. (2020). O ensino de Português como Língua de Acolhimento (PLAC) na linha do tempo dos estudos sobre o Português Língua Estrangeira (PLE) no Brasil. *Revista Horizonte de Linguística Aplicada*, 19(1), Universidade Brasília. Brasília, 2020. <https://periodicos.unb.br/index.php/horizontesla/article/view/24117>.

Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira (SI-  
PLE). *Simpósio online, 2020*. [https://assiple.org/?page\\_id=4025](https://assiple.org/?page_id=4025).

Taño, R.; Costa, E. J. (2017). Ensino de português como Língua de Acolhimento a imigrantes e refugiados em São Paulo, *Revista CBTeCLE, 1(2)*, 75-97. São Paulo. <https://revista.cbtecle.com.br/index.php/CBTeCLE/article/view/66>.

Zoppi-Fontana, M. G. (2006). *O português do Brasil como língua transnacional*. Campinas: Editora RG.